



Um pouco da história do *graffiti* e da pichação no Brasil.

FREDERICO PAPALI*

VALÉRIA ZANETTI

PAULA VILHENA CARNEVALE VIANNA

Resumo

Este trabalho, de caráter exploratório, relata o panorama da arte urbana; o *graffiti* e a pichação no Brasil, no mesmo período em que esta se iniciou na Europa e nos Estados Unidos. A partir dos anos 60 na Europa, e dos anos 70 nos Estados Unidos, sabe-se que foram utilizados o *graffiti* e a pichação como forma de protesto, de manifestação política. Pergunta-se então como foi esse período no Brasil, se este recurso foi aproveitado para a manifestação. Sabe-se que no momento de seu surgimento no exterior, e da mesma forma nos locais indicados, o Brasil vivia uma fase propícia a manifestações populares deste tipo, tendo em vista seu momento político de cerceamento de direitos e liberdades. Verificou-se, no período estudado, que essa manifestação popular não foi utilizada no Brasil com o mesmo destaque que teve em outros países.

Palavras-chave: *graffiti*, pichação, arte urbana, formas de expressão.

Introdução

Uma operação de guerra:

[...] era o dia 26 de janeiro de 1893, por volta das seis horas da tarde, quando muita gente começou a se aglomerar diante da estalagem da rua Barão de São Félix, na 154. Tratava-se da entrada principal do Cabeça de Porco, o mais célebre cortiço carioca do período: um grande portal, em arcada, ornamentado com a figura de

* Mestrando em Planejamento Urbano e Regional, Univap graduado em Artes Visuais, Univap.

uma cabeça de porco, tinha atrás de si um corredor central e duas longas alas com mais de uma centena de casinhas. Além dessa rua principal, havia algumas ramificações com mais moradias e várias cocheiras. Há controvérsia quanto ao número de habitantes da estalagem: dizia-se que, em tempos áureos, o conjunto havia sido ocupado por cerca de 4 mil pessoas; naquela noite de janeiro, com toda uma ala do cortiço interditada havia cerca de um ano pela Inspeção Geral de Higiene, a Gazeta de Notícias calculava em quatrocentos o número de moradores. Outros jornais da época, porém, afirmavam que 2 mil pessoas ainda habitavam o local. Seja como for, o que se anunciava na ocasião era um verdadeiro combate. Diante de tamanho aparato repressivo, todavia, não parece ter havido nenhuma resistência mais séria por parte dos moradores à ocupação da estalagem. (CHALHOUB, 1996: 15-16).

Mais de 100 anos depois, uma outra operação de guerra:

[...] no dia 22 de janeiro de 2012, por volta das seis horas da manhã, mais de 1.500 policiais se dirigiram para a Avenida Leonor de Souto Ribeiro, antiga Estrada do Imperador, primeira ligação entre as cidades de São José dos Campos e Jacareí. O que já havia sido zona rural de São José, na década de 1960, é agora parte integrante da zona sul da cidade, que hoje abriga quase duzentas mil pessoas. A zona sul da cidade é heterogênea; passa de condomínios de alto padrão até favelas irregulares. Naquele dia 22, o destino daquela frota policial era a ocupação dos sem-teto, conhecida na região como Pinheirinho. Não é exagero dizer que, a partir de então, esse nome ganharia fama internacional. Às seis da manhã daquele domingo, cerca de seis a sete mil moradores do local foram acordados com voos rasantes de helicópteros e disparos de balas de borracha. No céu, encontravam-se dois dos responsáveis pela operação – a juíza Márcia Loureiro, que

expediu a liminar de desocupação, e o comandante Messias, da Polícia Militar –, e, em terra, junto com a força policial, encontravam-se o representante da massa falida da indústria Selecta S.A. e representantes dos governos municipal, estadual e federal, todos unidos de acordos, decisões e liminares, tentando interromper ou dar prosseguimento a uma operação de guerra que culminou no deslocamento de ao menos seis mil pessoas para praças, ruas, abrigos ou igrejas (DE ANDRADE, 2013: 45-46).

Numa quase coincidência de datas, pois foram ambas no mês de janeiro, duas realidades separadas por 119 anos; dois contextos, duas épocas bem distintas, assim como suas razões e motivações, mas em uma delas, a mais recente, houve alguma resistência em que até a pichação, senão em paredes, pois não foi possível verificar – por talvez não estarem documentadas - foi utilizada na forma de cartazes e faixas de protesto. Estas inscrições em cartazes são bem no estilo de pichações e como tal poderiam estar inscritas em paredes; porque não o foram?



Figura 1 – Protesto contra a desocupação do Pinheirinho. Fonte: UOL Notícias – Protestos em São Paulo. Imagem: Lucas Lucaz Ruiz/ Estadão Conteúdo. Disponível em: <https://conteudo.imguol.com.br/c/noticias/2015/01/22/22jan2015---manifestantes-exibem-cartaz-que-recorda-a-desocupacao-da-comunidade-pinheirinho-ocorrida-em-janeiro-de-2012-durante-o-segundo-ato-contr-o-aumento-da-tarifa-de-onibus-em-sao-jose-dos-campos-1421965967156_956x500.jpg> - Acesso: 01 Mar 2017.



Figura 2 – Protesto em frente a Embaixada Brasileira em Paris. Fonte: Opera Mundi – UOL. Pelo mundo, brasileiros protestam contra a desocupação do Pinheirinho. Thassio Borges | Redação - 05/02/2012. Foto: Duda Bastos/Divulgação. Disponível em:

<<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/19667/pelo+mundo+brasileiros+protestam+contra+a+desocupacao+do+pinheirinho.shtml>> - Acesso: 01 Mar 2017.

Sabe-se que o *graffiti* foi durante muito tempo, ação de contestação e serviu a inúmeras intenções, desde a demarcação de espaço e território, ao suporte de mensagens de descontentamento, políticas, e mesmo à manifestação artística e estéticas do gosto do artista grafiteiro. Atividade perseguida, e acredita-se que ainda hoje em alguns locais, se constituiu num problema social por ser ainda visto como poluição visual, e neste caso fazendo séria concorrência aos outdoors comerciais. A título de exemplo, Ollive (2006) diz que a cidade de Quebec gasta anualmente mais de US\$300.000 para “limpeza” de *graffiti*. Aqui cabe um esclarecimento para a correta compreensão do tema, o de que a cidade de Quebec gasta bastante recursos financeiros para a limpeza do que conhecemos no Brasil como “pichações”, já que lá a designação utilizada como *graffiti* envolve este e a pichação, e tanto o americano quanto o europeu não fazem a diferenciação que temos no Brasil – onde *graffiti* é uma coisa e pichação, outra.

O *graffiti* nos Estados Unidos

Ollive (2006: 8) conta que o final dos anos 1960 foi de eclosão do *graffiti* nos Estados Unidos, onde os primeiros *tags* – simples inscrições de nomes - aparecem entre os jovens de minoria estrangeira, principalmente latinos e negros, em Nova Iorque e mesmo em cidades como a Filadelfia, Boston, e Chicago. Um dos primeiros a se manifestar assim foi um jovem

desempregado de dezessete anos e de origem grega que assinava TAKI183 nos muros, sendo Taki seu sobrenome e 183 o número da rua que morava. Outros jovens seguem a receita e passam a escrever um pseudônimo seguido de um número de rua nas paredes dos edifícios de diversos bairros da cidade. Olive conta ainda que o *tag* ou assinatura mural, é o elemento mais simples do *graffiti* e servia de meio de delimitar o território, de bandos rivais.

O *graffiti* na Europa

Ollive (2006: 9) conta também que a Europa viveu um período social e político intenso resumido ao mês de Maio de 1968 em Paris. Os manifestantes queriam dar voz às pessoas e diziam: “As paredes tinham então a palavra”. Entretanto, o fenômeno foi diferente em relação aos Estados Unidos; pois naquele momento a intenção do *graffiti* não era delimitar um território ou uma fronteira; não expressavam alguma apropriação de território. Eles correspondiam sempre às manifestações de uma cultura, de uma distração, ou uma reivindicação política.

Ollive (2006: 10) explica ainda que contrariamente ao modelo americano, que encontra suas origens num desejo de afirmação das populações pobres, o aspecto social não é mais que um detalhe no nascimento do movimento francês e europeu. Se nos Estados Unidos, o *tag* se inicia na rua, para se transformar mais tarde no privilégio e na expressão de uma certa elite artística, na França (e mais comumente na Europa), o movimento parte das classes sociais ricas, através de uma prática rara e circunscrita, para se generalizar depois nas populações mais desfavorecidas.

A revolução de Maio 68 na França

O Dossier (2014) diz em um de seus tópicos “A luta dos trabalhadores: uma crise social” que durante a revolução de Maio 68, os manifestantes não eram somente de jovens, mas participaram muitos assalariados que protestavam contra a injustiça de seus patrões. Ultrapassavam sete milhões, que denunciavam as más condições de trabalho, que acontecia num ritmo muito forte e sem pausas, e os salários raquíticos e injustos. E durante dois meses, esses manifestantes promoveram uma greve geral junto com os sindicatos, que chegou a refletir em resultados negativos na economia do país. Graças a eles, as condições de trabalho

posteriores ao movimento mudaram bastante e alcançaram seus objetivos de, segundo um lema da época, “tornar nossas fabricas mais humanas”. Do lado dos estudantes a luta era a rejeição à guerra, a revolta contra a guerra do Vietnam, e o famoso slogan, “Faça amor, não faça guerra” é desta época. Também protestavam para melhorar as condições de ensino, rejeitavam todas as formas de autoridade e, especialmente, o das estruturas educacionais, consideradas arcaicas. Desde antes da revolução, havia regras estritas, como o uso obrigatório de uniformes, um tipo específico e imposto de escrever, castigos humilhantes e por vezes violentos, e o fato de os professores terem o direito de ameaçar e castigar os alunos na frente de toda a classe. Foi, portanto, um basta por parte dos estudantes que queriam reformar e modernizar e educação francesa. Matos (1989: 17) conta que os estudantes [...] secundaristas e universitários não estavam procurando inventar um mundo ou uma política nova, [...] simplesmente se perguntavam como se poderia tornar o mundo mais vivível, menos insensato. O slogan do movimento era “Por um planeta mais azul” (:17).

Gonçalves (2008: 113) afirma que até os anos sessenta e pouco na Inglaterra (e sabe-se que na França também), o castigo corporal era legal nas escolas, portanto havia nestas manifestações de 68 uma posição antiautoritária muito forte.



Figura 3 – O protesto dos estudantes franceses em 1968.

Fonte: Dossier “Les murs ont la parole” – Disponível em: <<https://mai1968tpe.files.wordpress.com/2014/02/ph06.jpg>> - Acesso: 11 Nov 2016



Figura 4 – Em Nanterre, RM de Paris – *Graffiti* político na rua em Maio 1968. Autor: Gérard-Aimé / Rapho-Eyede, em 03 Maio 1968. Disponível em: <<http://www.gerard-aime.com/phototheque/picture.php?10617/category/2194>> - Acesso: 11 Nov 2016

Sobre esse *graffiti* (Pichação) da Figura 4, o jornal francês L'Express em 1998 escreveu: '... o mais belo slogan de Maio de 1968, o mais profundo, o mais explicitamente surrealista. Ele pode ser repetido em qualquer momento. Ele não envelheceu ("ele não tem uma ruga", em francês). Ele ressoa também de acordo com a ironia Voltariana para denunciar a impostura do "Tudo é para o melhor neste melhor de todos os mundos possíveis"'. Matos afirma (1989: 64-65): "o que se inscreveu nos muros e nas paredes foi uma parte importante da contestação de Maio, de suas investidas mais originais".

O Brasil na década de 1960

Maria Lygia Quartin de Moraes, socióloga perseguida pela ditadura, numa entrevista em Gonçalves (2008: 110) diz:

Para mim, 1968 foi o ano das revoluções. Contra a família repressiva; contra a universidade conservadora; contra o imperialismo norte-americano, contra as burocracias políticas e contra as ditaduras militares. A favor da liberdade dos povos, da liberação sexual, da paz no Vietnã e do socialismo libertário. 1968 tem a marca da juventude e da cultura urbana, pois ocorre, simultaneamente, em várias capitais do mundo ocidental. 1968 é o ano em que os jovens emergiram como força de contestação, como vanguarda política.

No Brasil e na maioria dos países do mundo o ano de 1968 foi de transformações e os jovens daqui também protestavam exigindo justiça social, o direito de se manifestar livremente e contra o regime militar e o autoritarismo. Lavinias (1993: 87) diz que o planejamento

governamental é uma experiência recente nas economias capitalistas, e também em países subdesenvolvidos como o Brasil, que entre os anos 60 e 80, tinha como projeto básico construir um parque industrial importante e com isso entrar para o restrito elenco das principais potências mundiais. Porém, sabe-se que o conjunto dos países desenvolvidos se preparava para uma transição, tendo em vista a evolução industrial do modelo fordista, o que desencadeou uma série de desequilíbrios. Esse desequilíbrio atingiu também o mundo socialista, enquanto no Brasil a economia avançava do setor agrário para o industrial urbano. O Golpe Militar de 64 no Brasil foi um reflexo dessa transição e sabe-se que anos antes a conjuntura do país já preparava terreno para esses acontecimentos. De Oliveira (1981: 47) analisando a evolução dos salários reais da classe trabalhadora desde os anos 50, conclui que a situação de exploração já continha as pré-condições da crise de 64. Portanto, verifica-se que a situação no Brasil era também propícia às manifestações de repúdio ao sistema vigente, ainda mais após o endurecimento da ditadura militar, com o Ato Institucional nº 5 de dezembro de 68, quando instaurou-se o terrorismo oficial do Estado.

O graffiti no Brasil

De acordo com Gitahy (2002: 53), o artista Alex Vallauri foi o principal precursor do *graffiti* no Brasil, aqui chegando, vindo de Buenos Aires, em 1964. Costumava desenhar mulheres do porto de Santos em trajes íntimos. Seus primeiros *graffiti* eram muito simples e foram sendo aprimorados ao longo do tempo. No início uma bota de mulher, ao qual acrescentou uma luva preta, um óculos escuros, um biquini de bolinhas e finalmente uma bela mulher latina; foram aparições cercadas de mistério, cuja evolução a cidade foi acompanhando com curiosidade durante os anos 1970.

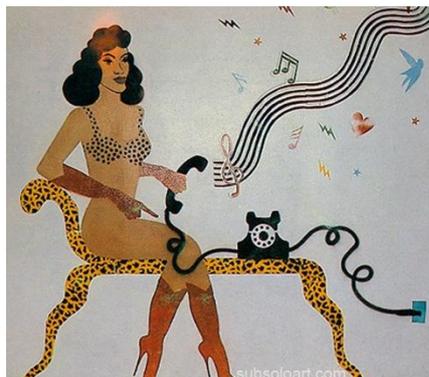


Figura 5 – Graffiti de Alex Vallauri – A Gata do Soutien de Bolinhas Correu ao Telefone – 1983

Disponível em: <http://adalvafranco.blogspot.com.br/2011/10/alex-vallauri_27.html>

Acesso: 12 Nov 2016

Gitahy (2002: 55) conta que muitos de seus *graffiti* vinham de uma coleção de carimbos dos anos 1950, que Alex ampliava no tamanho desejado. Ele ficou famoso e participou de tres Bienais de São Paulo e muitas exposições em galerias. Junto com Alex, vários outros artistas passaram a usar a cidade como suporte para suas obras, dentre eles Hudinilson Júnior, Carlos Matuck, Waldemar Zaidler, Maurício Villaça, Júlio Barreto, John Howard, Ozéas Duarte, o grupo “TupiNãoDá” da Vila Madalena em São Paulo e outros que deram importante colaboração para o desenvolvimento de uma linguagem própria feita no Brasil. Dando ênfase ao período do início do *graffiti* no Brasil, como sendo nos anos de 1964, o site na internet “O *graffiti* no Brasil - 2015” diz que o *graffiti* chegou ao Brasil nesta época, e localiza que em São Paulo, regiões como a Vila Madalena se tornaram grande referência, uma vez que era onde se situava a maior parte dos grafiteiros.

O site “Memórias da ditadura” relata que o primeiro registro de pichação como arte no Brasil foi o emblemático “Abaixo a Ditadura” mostrado na Figura 6. Diz ainda que esse foi o começo da *street art* brasileira, e que inscrições eram simples, pois demandavam agilidade para escapar da repressão policial. Com o passar do tempo, as inscrições foram difundidas pelo meio urbano, fazendo surgir pichações não só em muros, mas em construções públicas e viadutos. Nenhuma das pichações vinha assinada, elas traziam apenas a ideia de contrariedade ao regime.



Figura 6 – Pichação “Abaixo a ditadura (1968)”

Disponível em: < <http://memoriasdaditadura.org.br/obras/pichacao-abaixo-ditadura-1968/>>

Acesso: 11 Nov 2016

A foto acima é da revista Manchete publicada no livro “68: A paixão de uma utopia” de Daniel A. R. Filho e Pedro de Moraes e não tem autor identificado.



Figura 7 – Marca da resistência ao autoritarismo vigente em 1968: ônibus circulando pela região central de Belo Horizonte pichado por estudantes. Fonte: OMNIBUS – Uma história dos transportes coletivos em Belo Horizonte: FJP. 1997.

Disponível em: < <http://curraldelrei.blogspot.com.br/2012/10/os-anos-60-metropole-o-caos-e-as.html>>

Acesso: 11 Nov 2016



Figura 8 – Pelos muros da ditadura. Picho estudante.

Disponível em: < <https://resistenciaemarquivo.wordpress.com/2014/04/17/pelos-muros-da-ditadura-aco-es-de-resistencia-a-ditadura/picho-estudante/>>

Acesso: 11 Nov 2016

Na foto acima, bastante representativa, a inscrição: “... preparado para o embate: estudante picha a igreja da Candelária no Rio, com o bolso cheio de bolas de gude, que seriam espalhadas no asfalto para derrubar a cavalaria”. Pichação como forma de resistência.

Considerações finais

A motivação principal deste trabalho foi a de localizar dados que permitissem estabelecer positivamente que tivesse sido profícua a manifestação do *graffiti* e da pichação nos anos que se seguiram ao golpe de 1964, que coincidiu com o aparecimento do *graffiti* na Europa e Estados Unidos. Porém verificou-se neste estudo que é muito difícil encontrar material acessível para pesquisa e pode-se mesmo concluir que estes até não existam, uma constatação razoável em se considerando a perenidade que é característica deste tipo de arte urbana. Dos poucos registros localizados não se pode reconhecer a autenticidade da época.

Gitahy (2002: 22) diz que a pichação nem sempre é possível, permitida ou tolerada. Durante os anos da ditadura militar, em meio à censura e ao clima autoritário, quase não se viam paredes rabiscadas em São Paulo.

Porém, das poucas referências a que se teve acesso nesta pesquisa, pode-se verificar que as semelhanças da utilização da pichação no Brasil nos primeiros anos após o golpe de 1964 e as promovidas nas manifestações de Paris se assemelham muito. Essa constatação ajuda-nos a confirmar a identidade distinta da pichação e do *graffiti*, o que é evidente e se mantém assim até hoje.

Referencias

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. Companhia das Letras, 1996.

DE ANDRADE, Inácio Dias. " **A gente já nasce lutando**": a desocupação do Pinheirinho, a política entre o formal e o informal. *Revista de Antropologia*, v. 56, n. 1, p. 45-79, 2013.

DE OLIVEIRA, Francisco. **A economia brasileira: crítica à razão dualista**. Editora Vozes, 1981.

Dossier "Les murs ont la parole" - Les affiches et les slogans de Mai 68. 2014.

Disponível em: <<https://mai1968tpe.wordpress.com/>> Acesso: 10 Nov 2016.

Jornal L'Express, **Soyez réalistes, demandez l'impossible**. Escrito por Sollers Philippe, publicado em 16/04/1998. Disponível em: <http://www.lexpress.fr/informations/soyez-realistes-demandez-l-impossible_628702.html>. Acesso: 11 Nov 2016.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. Brasiliense, 2002.

GONÇALVES, Renata; BRANCO, Carolina. **O que fazíamos em maio de 1968 no Brasil. entrevista com Maria Lygia Quartim de Moraes**. Mediações-Revista de Ciências Sociais, v. 13, n. 1/2, p. 109-120, 2008.

LAVINAS, Lena et al. **Reestruturação do espaço urbano e regional no Brasil**. Editora Hucitec, 1993.

MATOS, Olgária CF. **Paris 1968 As barricadas do desejo**. Brasiliense, 1989.

OLLIVE, Alexandre. **Graffitis et graffiteurs dans la ville, pratiques spatiales des graffiteurs de Québec et marquage symbolique de l'espace urbain**. 2006. Tese de Doutorado. Université Laval.

Sites na internet

O Graffiti no Brasil. 2015. Disponível em: <<https://nephew.com.br/>>. Acesso: 05 Nov 2016.

Memórias da ditadura. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/>>. Acesso: 11 Nov 2016.

Curral del rey. Disponível em: <<http://curraldelrei.blogspot.com.br/2012/10/os-anos-60-metropole-o-caos-e-as.html>>. Acesso: 11 Nov 2016.

Resistencia em arquivo. Disponível em: <<https://resistenciaemarquivo.wordpress.com/>>. Acesso: 11 Nov 2016.